

**AUTONOMIA E SÉRIE DARK: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DO
DESENVOLVIMENTO MORAL DE JEAN PIAGET^I**
**AUTONOMY AND THE DARK SERIES: A STUDY FROM THE THEORY OF
MORAL DEVELOPMENT OF JEAN PIAGET**

Letícia Silveira Mafei^{II}

Dâmaris de Oliveira Batista da Silva^{III}

Resumo: O presente artigo visa a compreender como a autonomia é representada na série Dark, a partir da teoria do desenvolvimento moral de Piaget. Foi feita uma pesquisa bibliográfica referente ao conteúdo piagetiano sobre autonomia e a série de ficção científica Dark, produzida pelo serviço de streaming, Netflix (2017–2020). Para chegar ao objetivo geral, foi necessário identificar diálogos e relações de personagem de Dark que representam a fase de anomia, heteronomia e autonomia do desenvolvimento da moral e identificar, nas relações entre os personagens, a afetividade do desenvolvimento da moral. Os resultados apontam que a autonomia pode ser representada em Dark através da interação entre os personagens e das escolhas por eles tomadas

Palavras-chave: Autonomia. Desenvolvimento moral. Série Dark.

Abstract: This article aims to understand how autonomy is represented in the Dark series, based on Piaget's theory of moral development. A bibliographical research was carried out regarding the Piagetian content on autonomy and the science fiction series Dark, produced by the streaming service Netflix (2017–2020). To reach the general goal, it was necessary to identify dialogues and character relationships in the series, which represent the phase of anomie, heteronomy, and autonomy of moral development and identify, in the relationships between the characters, the affectivity of the moral development. The results show that autonomy can be represented in Dark through the interaction between the characters and the choices made by them.

Keywords: Autonomy. Moral development. Dark series.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o conceito de autonomia vem sendo construído em diversas áreas de conhecimento, como a filosofia e a psicologia, e em diferentes contextos, como político, social e religioso (MARTINS, 2002). Para pensar melhor a respeito da autonomia, primeiramente é

^I Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2021.

^{II} Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: mafeipsi@hotmail.com.

^{III} Mestre em Engenharia de Produção e Sistemas UFSC e Mestre em Psicologia UFSC. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

preciso entender o que significa ser autônomo: “a palavra autônomo vem do grego *autos* — que quer dizer si mesmo — e *nomos* — que quer dizer lei, regra, norma — ou seja, significa aquele que tem o poder de dar a si mesmo a norma, a regra, a lei. Aquele que goza de autonomia e liberdade seria aquele com capacidade plena de autodeterminação” (LEAL *et al.*, 2019). A partir dessa definição de autônomo, pode-se dizer que a autonomia é a capacidade de pensamento e ação, sem dependência de fatores externos.

Porém, como foi dito anteriormente, a autonomia foi e é trabalhada em diversas áreas, o que traz diversas formas de entendimento. Conforme cita Christino (1997), no campo da filosofia, um entendimento predominante é o vínculo entre a autonomia e o conceito de moral. Esse conceito vindo da filosofia fez parte dos estudos de um autor integrante do conjunto de teóricos que contribuem com a psicologia, Jean Piaget. Para Piaget, o desenvolvimento da moral se dá por meio de estágios, onde as crianças são conduzidas da anomia para a autonomia moral, à medida que vão crescendo (ANDRADE, 2016).

Para pensar melhor nessa perspectiva sobre autonomia, a pesquisa foi desenvolvida com base na arte. A arte, na psicologia, vem tomando mais espaço ao longo dos anos e os estudos de Piaget foram fundamentais para tal avanço. Segundo Castanho (2005), na teoria de Piaget, para alcançar o potencial máximo da aprendizagem, é importante explorar a percepção, a afetividade e a criatividade. Esses aspectos não são desenvolvidos a partir de métodos tradicionais de ensino. Moreira (2007) diz que, para sair dos métodos tradicionais, é necessário a cooperação, que “permite a relação de acordos mútuos e desfavorece as relações de autoridade, numa vivência ideal que favoreça a libertação e uma aprendizagem humana e autônoma” (MOREIRA 2007, p. 167).

Moreira (2007), em seus estudos a partir dessa concepção de Piaget acerca do desenvolvimento intelectual, afirma que é nessa quebra do padrão tradicional de aprendizagem que surge a arte como um dos meios que gera uma autonomia do estudante. Existe uma diversidade de meios artísticos que podem gerar conhecimento, entre eles, encontra-se a produção cinematográfica, o qual foi o meio artístico pesquisado, mais especificamente o gênero ficção científica, que conforme Piassi e Pietrocola (2009):

[...] É a fronteira entre os sentimentos e a racionalidade. A racionalidade, a lógica das conclusões e o estabelecimento de relações causais podem ser explicitados em um discurso não literário. Os sentimentos que expressam angústia, preocupações, admiração, perplexidade – que são, por assim dizer, a matéria-prima da imaginação e da criatividade – só aparecem de forma contundente no trabalho ficcional (PIASSI; PIETROCOLA, 2009, p. 537).

A ficção científica se trata de “um estranhamento que obriga a pensar no incomum como uma conjectura plausível e lógica, aplicável ao mundo fora da ficção” (PIASSI; PIETROCOLA, 2009). Esse tipo de produção, como pontua Silva Júnior (2020), dá ênfase em informações incompletas ou obscuras, para que o espectador busque entender a produção a partir de sua própria compreensão. Na busca por uma produção cinematográfica de ficção científica, levando em consideração os aspectos do gênero e alguns aspectos levantados, como a exploração da percepção e criatividade, foi pesquisada e escolhida a série Dark.

Dark é uma série de origem alemã, produzida pela plataforma de *streaming*, Netflix, lançada em 2017 e finalizada em 2020. É uma série categorizada como ficção científica e drama. Ela possui 3 temporadas, totalizando 26 capítulos, desenvolvendo a trama a partir dos mistérios e conflitos envolvendo a viagem no tempo, relações interpessoais e reflexões acerca do livre arbítrio. Dentro das perspectivas temáticas, a série traz autores importantes como Nietzsche, Schopenhauer e Einstein (SILVA JUNIOR, 2020).

Em consulta às plataformas CAPES, SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, em artigos escritos em português, foram pesquisadas as palavras: Autonomia; Desenvolvimento moral; Psicologia; Série Dark. Referente à psicologia, desenvolvimento moral e autonomia, foram encontrados diversos artigos, sendo a maioria dos novos com mais de 5 anos de publicação. Em relação à série Dark, foram encontrados apenas três artigos referentes aos seguintes contextos da área de humanas: A logopatia (SILVA JUNIOR, 2020), o círculo do eterno retorno (SILVA JUNIOR; BONSANTO, 2020) e a iminência do fracasso da nova geração (NASTASI, 2020). Entretanto, ao pesquisar sobre a série Dark, com relação à psicologia e autonomia, de forma articulada, utilizando os termos: Dark e autonomia, Dark e psicologia, e vice-versa, o tema em questão não foi encontrado. Mostrando a inexistência de uma pesquisa que aborde o tema autonomia dentro da psicologia, vinculado com a série Dark.

A série Dark é mundialmente conhecida, pois sua plataforma de streaming, Netflix, alcança mais de 190 países. Além desse alcance, a série também é muito bem avaliada no maior website de avaliação de cinema do mundo, o Rotten Tomatoes, tendo 95% de aprovação pelos críticos de cinema de todo o mundo e, igualmente, 95% de aprovação pelo público em geral. Esse sucesso se dá pela diversidade de temas abordados na série, sua criatividade, seu roteiro e seus diálogos bem amarrados, que prendem a atenção dos espectadores (RODRIGUES, 2020).

São esses aspectos da série que despertam o interesse em estudar e criar nossos conhecimentos a partir dela. Com isso, este artigo visa a compreender como a autonomia é representada na série Dark, a partir da teoria do desenvolvimento moral de Jean Piaget. Para

auxiliar nessa compreensão, foram utilizados os seguintes objetivos específicos: identificar diálogos e relações de personagem da série Dark que representam a fase de anomia do desenvolvimento da moral de Piaget; identificar diálogos e relações de personagem da série Dark que representam a fase de heteronomia do desenvolvimento da moral de Piaget; identificar diálogos e relações de personagem da série Dark que representam a fase de autonomia do desenvolvimento da moral; identificar, nas relações entre os personagens da série Dark, a afetividade do desenvolvimento da moral de Piaget.

2 CAMINHO HISTÓRICO DO CONCEITO DE AUTONOMIA

A ideia de autonomia começa a surgir junto à filosofia clássica, mais especificamente, com Aristóteles, que trabalha a ideia de liberdade incondicional. Aqui, a liberdade se opõe às necessidades e contingências, o agente é pleno em suas ações (PRZENYCZKA *et al.*, 2012). Aristóteles contextualizou a liberdade dentro da política onde os membros da polis são os cidadãos livres, sendo uma condição que não pode ser atribuída aos escravos e aos trabalhadores, pois o trabalho retira o acesso à cidadania e a uma vida virtuosa (RAMOS, 2014).

Ainda, na ideia de liberdade, Aristóteles apresenta a virtude moral. A virtude moral não é inata, se nasce apenas com a potencialidade de desenvolvê-la moralmente (STEFANI; MOLON, 2014). Em *Ética a Nicômaco*, a origem da virtude moral surge sendo uma excelência teórica e ética, que são geradas através de um processo de habituação e aperfeiçoamento (JUNG, 2016). Aristóteles procura determinar quais as condições podem ser qualificadas com ações involuntárias, baseando-se em uma análise dos dilemas morais ou situações mais cotidianas que demandarão uma ação (STEFANI; MOLON, 2014).

Já em *Ética Eudemia*, a autonomia das ações se encaixa na teoria geral do movimento, onde o ser humano é o único capaz de ser ele próprio, o princípio da ação, pois modificará o estado atual (STEFANI; MOLON, 2014). Aqui, é analisado o conceito de *eudaimonia* ou o bem viver. O bem viver é o resultado de uma vida guiada pelas virtudes éticas e morais, que exige a abstenção individual dos simples prazeres (JUNG, 2016).

Em suma, é na ação que a moral se manifesta, dando possibilidade para a virtude. Segundo Stefani e Molon (2014), a excelência moral é um estado do caráter humano que se manifesta na escolha, na ação e as opções dessa escolha, pelo bem ou pelo mal, tem a mesma possibilidade, cabendo à pessoa decidir como agir. “Em última instância, a grande lição deixada pelo filósofo é que cada um é responsável por suas ações, por suas escolhas e por seu

caráter. De fato, cada um é responsável por tornar-se o que é” (STEFANI; MOLON, 2014, p. 33).

Na era medieval, segundo Almeida e Junior (2018), um autor que se destaca é Santo Agostinho, que trabalha a autonomia em um contexto de forte influência religiosa, onde a autonomia é vista como o livre-arbítrio, um bem concedido por Deus, mesmo que seja utilizado de forma errada, provocando o mal. Com isso, ele afirma que o mal advém do livre-arbítrio. Conforme o pensamento de Agostinho, a razão e a fé precisam andar juntas, pois é preciso saber sobre o que se acredita e acreditar no que se estuda (ALMEIDA; ARRUDA JUNIOR, 2018).

Os autores prosseguem afirmando que a razão é a capacidade de diferenciar os homens dos animais, isso mostra que o homem é consciente de suas ações, independentemente se elas têm sua natureza boa ou má. A livre vontade do homem o faz escolher, portanto, o mal estaria no livre arbítrio da vontade. Dentro dessa perspectiva, segundo Sá e Oliveira (2007), a moral cristã era definida como a autonomia subordinada a Deus, o ser humano era uma obra divina e sua vontade estava vinculada à vontade de Deus.

No racionalismo clássico, Descartes traz a ideia de que ser sujeito de seus pensamentos é um sinal de autonomia e uma certeza dos conhecimentos que puder atingir, no exercício da razão "Penso, logo existo", onde cada um de nós tem apenas o seu pensamento (SEGRE *et al.*, 1998). Esse pensamento é conduzido através da razão e do bom senso, sendo essa a marca de superioridade do ser humano em relação aos animais (FARIA, 2019).

Descartes estabelece a ideia de um Deus enganador, onde é classificado como um ser perfeito, porém não concede essa perfeição a suas criaturas. A partir disso, ocorre uma investigação acerca do erro, pois ele não se constitui numa realidade dependente de Deus, assim, resta ao erro advir de um descompasso entre a vontade e o entendimento, quando a vontade ultrapassa os limites do entendimento (FARIA, 2019).

Faria (2019, p. 153), analisando a teoria de Descartes, caracteriza o livre-arbítrio “como um tipo de perfeição capaz de conduzir ao erro quando estendido às coisas que vão além dos limites do entendimento humano”, sendo a moral fundamentada no livre-arbítrio, onde o sujeito deve conduzir bem sua vontade a fim de uma ação virtuosa, respeitando os limites da razão. E ainda cita, que para Descartes, cada mente se bastaria, pois “cada mente seria uma unidade singular e autônoma, com acesso privilegiado e evidente somente de seus próprios conteúdos” (FARIA, 2019, p. 159-160).

Seguindo o caminho histórico, é no iluminismo que a autonomia ganha forma e força, colocando o homem no papel de responsável pelas próprias ações (FLICKINGER, 2011).

Para Vasconcelos (2018), um dos grandes pensadores do iluminismo foi Rousseau, que para ele, o homem tem sua autonomia pura barrada pela própria civilização e uma vez criada as instituições, dentro dessa civilização, mais difícil voltar para a autonomia pura, já que o homem entra na busca pela perfeição.

Segundo Vasconcelos (2018), com as mudanças na organização de trabalho e ao criar meios de produção, a autonomia passa a ser fundamentada na propriedade, assim, tornando a sociedade desigual. O homem ingressa na sociedade buscando democracia e suas vontades individuais. Ainda segundo o autor, a democracia e a liberdade atravessam O *contrato social*, onde o homem perde a liberdade natural e ganha a liberdade civil. Para finalizar o pensamento de Vasconcelos (2018), acerca de Rousseau, é resgatado um pensamento conhecido onde o homem é bom por natureza, mas a sociedade o corrompe, ou seja, a liberdade natural é corrompida pela sociedade. “Quanto mais o homem tiver permanecido próximo à sua condição natural, mais encontrará a sua libertação” (VASCONCELOS, 2018, p. 220).

Christino (1997) discorre que, em Kant, a autonomia representa a vontade própria, governar por si mesmo, onde se escolhe sem considerar os fatores externos. O ser autônomo segue uma regra pela validade universal e não pelo medo ou por vantagem própria. Segundo Sá e Oliveira (2007), a validade universal vem da proposta do imperativo categórico, ao qual a ação é justa se todos quiserem que ela seja seguida em situações similares. Para Kant, a autonomia absoluta não existe, pois existem diversos motivos que interferem na decisão do indivíduo e isto não lhe contamina a vontade, esses motivos fazem parte do caminho para a autonomia (SÁ; OLIVEIRA, 2007).

Para os autores Prestes e Schiller (2020), na filosofia contemporânea, o conceito de vontade se mantém com força por Schopenhauer. Para ele, a vontade é a essência de tudo e ela é universal, à medida que a vontade age sobre nós, nos tornamos fenômenos da mesma. Esta vontade é o elemento que possibilita, por exemplo, a gravidade que age sobre a matéria a partir de uma determinação do cosmos. Desse modo, a vontade não é considerada racional, ela é considerada, aqui, como uma essência da vida e se manifesta de modo irracional, cego e sem objetivo (PRESTES; SCHILLER, 2020).

Ainda, segundo Prestes e Schiller (2020), a teoria de Schopenhauer afirma que a liberdade surge da noção de locomoção física, todavia, afirma que também é uma questão moral, onde não se pode escolher aquilo que iremos desejar, não é possível, nessa perspectiva, controlar e decidir sobre a vontade. Em suma, para Schopenhauer, o indivíduo não tem livre-arbítrio, pois, pode decidir de tudo, menos determinar a sua própria vontade (PRESTES; SCHILLER, 2020).

Ainda, dentro da filosofia contemporânea, Araldi (2008) apresenta o autor Nietzsche, que traz a autonomia como uma das fases para o alcance da moralidade. Conforme cita Zuben e Medeiros (2013), em relação à perspectiva de Nietzsche, a autonomia é reconhecida como um fator importante para o desenvolvimento do indivíduo, contudo, essa ideia vem acompanhada de regras e normas criadas pela sociedade, tornando-a uma heteronomia. Com isso, a ideia de autonomia não se resume em seguir valores morais, pois os valores morais são mutáveis, e Nietzsche reforça essa ideia lembrando que ao longo da história ocorreram diversas mudanças em relação a valores morais (ZUBEN; MEDEIROS, 2013). Para Nietzsche, a autonomia vai além da capacidade de acatar os valores morais estabelecidos, ela consiste em avaliar esses valores e modificá-los, sempre que necessário.

A partir do estudo destes autores da Filosofia e da Sociologia, pôde-se observar que o conceito de autonomia difere ao longo do tempo e é marcado por variáveis históricas. De Santo Agostinho, uma autonomia guiada por Deus, para Rousseau, uma autonomia corrompida pela sociedade, até Schopenhauer, que não acreditava na existência da autonomia. Essa construção histórica, dentro da filosofia e da sociologia, foi pautada na busca do entendimento sobre o processo de desenvolvimento humano, isso levou a uma procura de, segundo Fini (1991, p. 58), “compreender como os indivíduos chegam a assumir os valores que orientam seu comportamento, como ocorre o desenvolvimento moral”.

Para Fini (1991), a autonomia é conceito que importa à Psicologia, pois é um conceito de amplo estudo “que abrange inúmeras ramificações, pode-se perceber no campo de Psicologia um interesse crescente pelo desenvolvimento moral e pelo estudo do julgamento moral, em especial depois da publicação dos trabalhos de Piaget (1932)” (FINI, 1991, p. 59). Com isso, o próximo capítulo se dedica ao estudo do desenvolvimento moral de Piaget, que busca explicar o caminho para a autonomia.

3 DESENVOLVIMENTO MORAL E AUTONOMIA

Para este trabalho, frente ao tema e objetivo geral, buscou-se na epistemologia genética de Jean Piaget, o referencial teórico para estudar a autonomia. Jean Piaget estudava a biologia e, ao investigar a relação entre organismo e o meio, ele passou a estudar a natureza humana, mais especificamente o desenvolvimento humano. Ele entendeu que é a partir da ação que se constitui o desenvolvimento, então seguiu na busca da relação entre a psicologia e a biologia (FERRACIOLI, 1999). Uma de suas metodologias mais usadas nessa busca é a observação do comportamento infantil, partindo da ideia de que “a própria criança, suas

interpretações, seus comentários e seus questionamentos fornecem a chave para o entendimento do pensamento infantil” (FERRACIOLI, 1999, p. 181).

Piaget (1994) iniciou seus estudos em desenvolvimento moral a partir do estudo da moral escritos na filosofia e sociologia. As divergências que se apresentam entre os conceitos geram seu interesse em explicar como a consciência respeita as regras, essa é a base para sua tentativa em estudar e explicar esse aspecto da consciência na obra *Juízo Moral da Criança*.

Em 1932, Jean Piaget publica a obra *Juízo Moral na Criança*. Nela, Piaget busca compreender o juízo moral na perspectiva da criança, segundo as regras morais que vão se estabelecendo conforme seu desenvolvimento (LIMA, 2004). Para Piaget, o conceito de autonomia é um dos requisitos para se consolidar o homem moral (CHRISTINO, 1997). Segundo ele, a autonomia pertence tanto ao campo moral, onde é constituído por princípios e regramentos que norteiam as ações de um sujeito, quanto ao estudo da cognição, que se caracteriza pela organização da razão (ROSSETTO, 2005).

Rosseto (2005) construiu sua pesquisa com base na teoria de Piaget, seu posicionamento é favorável às teorias do desenvolvimento moral, cognitivo e intelectual, utilizando-as vinculadas ao campo educacional. Dentro de seus estudos, Rosseto (2005) explica que a moral fala sobre a ação do homem em relação às suas interações com o outro, com o meio social. E nessa relação com outro, são necessárias as regras e normas que possam conduzir essa interação. Rosseto (2005) ainda pontua que é necessária uma mobilização da moral, livre de interferências externas sobre um sujeito, para que, assim, seja moldada a forma de agir com os outros, seguindo conforme a autonomia moral de cada sujeito. A regra moral estabelecida deve ser orgânica, levando em consideração as distinções de cada sujeito, com base nas regras morais estabelecidas na sociedade (ROSSETTO, 2005).

O estudo sobre o desenvolvimento moral foi realizado com crianças, que foram analisadas a partir de uma situação de jogo. Piaget constituiu dois grupos de análise: relação à prática das regras no jogo e relação à consciência da regra (ROSSETTO, 2005). Com relação à prática das regras, Piaget (1994) identificou quatro grupos de atitudes dominantes:

- 1º grupo (até 2 anos): ocorre uma manipulação exploratória das peças do jogo, exercitando sua capacidade motora e criando repetições na presença do objeto. A criança ainda não entende a regra como algo imposto a ela;
- 2º grupo (2 a 5 anos): período egocêntrico, onde a criança imita o procedimento do jogo de forma distorcida, sem interiorização. A regra é considerada sagrada, não mutável;

- 3º grupo (5 a 8 anos): período onde surge a ideia de cooperação, as regras começam a ser entendidas e respeitadas. A criança começa a ter noção de estratégia a fim de vencer o jogo;

- 4º grupo (8 a 12 anos): período onde são aceitas adequações nas regras, tornando o jogo mais flexível, desde que seja aceito por todos.

Em relação à análise da consciência da regra, a interiorização da regra moral, foram observados três grupos de condutas. O primeiro é a anomia, onde as crianças inseridas neste grupo não têm entendimento sobre a existência das regras. Esse período é totalmente individual, onde a criança satisfaz apenas sua função motora ou sua fantasia simbólica, partindo para a criação de regras e rituais próprios para, justamente, obter essa satisfação (PIAGET, 1994).

O segundo é a heteronomia, onde as crianças começam a ter respeito às regras impostas pelos adultos, a regra se torna intangível, não se pensa em alterá-la. Esse respeito tem sua origem na submissão da criança quando atende às regras existentes, o egocentrismo se torna ainda mais presente, dificultando a percepção em relação ao outro (ROSSETO, 2005). Aqui se apresenta a responsabilidade objetiva, que tem como características, segundo Lima (2004), julgar os atos pelas consequências e não por sua intenção, a obediência aos mais velhos se torna o fator mais importante, a consciência da regra é exterior ao indivíduo, ela não é interiorizada.

O terceiro é a autonomia, onde a regra se torna uma necessidade e ela pode ser alterada conforme a aceitação do grupo, respeitando o direito de todos, de forma igualitária. A responsabilidade aqui é subjetiva, que, segundo Lima (2004), é caracterizada por uma descentralização do egocentrismo, surgindo a cooperação e passando a entender a intenção dos atos. Piaget (1994) diz que:

[...] origem da lógica das relações, não podem se desenvolver senão na e pela cooperação. Que a cooperação seja um resultado ou uma causa da razão, ou ambos ao mesmo tempo, a razão tem necessidade da cooperação, na medida em que ser racional consiste em "se situar" para submeter o individual ao universal (PIAGET, 1994, p. 91).

Piaget (1994) diz que a passagem da heteronomia para a autonomia é gradativa, onde a criança vai reduzindo o temor em relação ao adulto, conseqüentemente, a obediência a ele também. Esse movimento acontece pela ampliação das relações sociais, deixando de serem caracterizadas como um mando verticalizado e passando a serem relações de respeito mútuo. Sobre a autonomia, Rossetto (2005, p. 69) cita, a partir de Piaget, que: “a ideia genuína de

autonomia, assim como a da cooperação, é a que resulta de uma ação voluntária, espontânea, que emerge da necessidade interior de cooperar, sem a necessidade de um ganho pessoal”, ou seja, as relações sociais são de extrema importância para a constituição da autonomia.

Para Taille (1992), a autonomia moral se dá pela superação do realismo moral, que é constituída por componentes da heteronomia. O realismo moral tem como característica a obediência às regras, seguindo, literalmente, sem interpretações próprias e julgando os atos por suas consequências, sem considerar a intenção da pessoa. A existência do realismo moral vai dando passagem a um julgamento moral autônomo. Assim, com o estudo, Piaget observou nas crianças a noção de justiça, onde ele identificou três tipos (LIMA, 2004): a justiça imanente, que tem a ideia de justiça sagrada, atribuída à natureza e ao adulto, onde se encontra a coação adulta; a justiça retributiva, que tem a ideia de sanção, o ato deve ser punido de forma correspondente ao mesmo; e a justiça distributiva, que tem a ideia de reposição da perda, considerando as condições.

Piaget (1994) diz que a justiça imanente provém de uma transferência das situações heterônomas vividas na relação com os adultos. Já a justiça retributiva, é onde começa a considerar a intenção da ação, não somente o dano causado. E, por fim, a justiça distributiva, que implica autonomia ao sujeito.

A pesquisa de Piaget definiu a existência de dois períodos da moralidade, a moral heterônoma e a moral autônoma. Na moral heterônoma, o adulto exerce uma coação sobre o juízo moral da criança. A ação a ser praticada é com base na ordem dada pelo adulto ou por alguém que ocupe o lugar de respeito. Na moral autônoma, condições psicológicas vão se estabelecendo, possibilitando um raciocínio lógico e a consciência em relação às regras e como podem ser mudadas, baseando-se no respeito e na cooperação (LIMA, 2004).

Os trabalhos de Piaget, sobre o desenvolvimento moral, aprofundaram-se através das fases da infância, contudo, é válido ressaltar que os estudos psicológicos que se desenvolveram mostram a importância desse desenvolvimento, tanto na infância e na juventude quanto na fase adulta, onde perpetua as interações entre as fases (ROSSETTO, 2005). Sobre isso, Piaget (1994, p. 22) diz que “a moral infantil esclarece, de certo modo, a do adulto. Portanto, nada é mais útil para formar os homens do que ensinar a conhecer as leis dessa formação”, assim, mostrando a importância desse olhar para o adulto.

3.1 AFETIVIDADE

A afetividade é tema recorrente na Psicologia, tendo sido estudado por diversos autores e culminado em múltiplas teorias. Wallon, Vygotsky, Freud, por exemplo, são alguns destes autores, que contribuíram com o entendimento da afetividade. Na perspectiva de Wallon, a afetividade é um elemento estruturante no início da vida da criança, onde antecede a cognição. Como pontua Souza (2011), o desenvolvimento, para Wallon, passa do eu orgânico ao eu psíquico e a emoção que faz essa interação. As emoções iniciais são ligadas diretamente com as necessidades, só depois, vinculam-se através de representações aos sentimentos. Esse desenvolvimento se inicia na afetividade até chegar à cognição, isso ocorre de forma gradativa (SOUZA, 2011).

Vygotsky, por sua vez, propõe que a razão controla as emoções, graças à linguagem. Segundo Souza (2011), referindo-se à teoria de Vygotsky, o papel das emoções no desenvolvimento seria a reação biológica primitiva, como alegria e medo, e psicológica, que seria considerada a mais complexa, como o respeito e a tristeza. É na palavra que a afetividade e a cognição se encontram, onde o sentido e o significado se unem, então, é na linguagem que o desenvolvimento acontece (SOUZA, 2011). Já, para Freud, os afetos estão ligados aos impulsos, podendo ser penoso ou agradável. Souza (2011) diz que, na teoria freudiana, os afetos seriam uma expressão qualitativa da energia pulsional. Na relação entre afetividade e inteligência teria uma “preponderância dos impulsos inconscientes sobre o funcionamento cognitivo e afetivo consciente” (SOUZA, 2011, p. 252).

Quanto à afetividade e desenvolvimento moral, para Jean Piaget, a ação moral está diretamente ligada à razão e à afetividade. A afetividade é o que impulsiona as ações e a razão concretiza a ação. Para Piaget, “sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência” (PIAGET, 1994, p. 129 *apud* SOUZA, 2011, p. 252). Assim, a afetividade e a razão seriam elementos opostos, que geram uma dualidade nas ações, facilitando o aparecimento de conflito, porém, quando trabalham juntas, caminham em direção à ação moral autônoma, onde ocorre a união da estrutura concreta da razão e a energia afetiva que é impulsionadora da ação (TAILLE, 1992).

Nessa perspectiva, a ação moral autônoma é o sentimento racional da necessidade (TAILLE, 1992). Segunda as duas morais trabalhadas por Piaget, Taille (1992, p. 71) afirma que: “a moral da coação, justamente estática, conservadora, baseada na tradição e resultado da pressão do grupo social sobre os indivíduos (notadamente das gerações antigas sobre as mais novas); e a moral da cooperação, produtora de novas normas; logo, em movimento, em progresso”.

É a partir da cooperação que a moral autônoma age, onde o sujeito permite o movimento crítico, considerando as necessidades de forma subjetiva (TAILLE, 1992).

4 MÉTODO

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2017, p 25) tem como objetivo construir hipóteses e trazer mais familiaridade com o tema. Sua classificação quanto ao procedimento é documental, esse tipo de procedimento é similar ao bibliográfico, porém, a diferença está na fundamentação em materiais elaborados para diversas finalidades, como fotografias, filmes, CD, etc. (GIL, 2017, p. 28 - 60). Com isso, a abordagem que foi utilizada é a qualitativa, na qual a interpretação do pesquisador e suas opiniões são de extrema importância para o estudo (PEREIRA, et al, 2018, p. 67).

4.1 MATERIAIS E PROCEDIMENTOS

Os materiais utilizados, conforme os objetivos do projeto, são: a série Dark, da plataforma de *streaming*, Netflix (2017- 2020); livros e artigos sobre a autonomia e a teoria do desenvolvimento moral de Jean Piaget. Para compor o referencial teórico, foram pesquisados os seguintes termos: autonomia; arte; cinema; desenvolvimento moral; ficção científica; psicologia; série Dark. As bases de dados utilizadas, para a busca dos referenciais, foram: Portal CAPES, SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. Foram pesquisados artigos em português e espanhol. Com isso, a perspectiva é contemplar, de forma abrangente, o tema proposto, onde os objetivos e o problema de pesquisa sejam respondidos.

A coleta de dados foi feita a partir da leitura dos materiais bibliográficos que compõem o referencial acerca do tema autonomia e desenvolvimento moral, e a coleta de fragmentos da série Dark. A seleção dos fragmentos da série Dark foi realizada a partir de todos os episódios das três temporadas. O critério de seleção desses fragmentos baseou-se na obtenção de cenas em contextos que são propícios a terem manifestações da moral, como a cooperação, coação, noção de justiça e afetividade. A partir dos critérios, foram selecionadas as seguintes cenas:

Temporada	Epsódios	Minutagem	Contexto
1ª Temporada	- Mentiras (E2); Vidas duplas (E4); Verdades (E5)	- 21:20; 12:20/ 42:28; 38:22.	Trajectoria de Jonas buscando entender a morte de seu pai.

	- Ponto Crítico (E7)	- 22:30.	Diálogo entre Jonas e o Estranho.
	- Tudo acontece agora (E9)	- 43:30.	Encontro de Jonas e Marta.
2ª Temporada	- Achados e perdidos (E5)	- 2:30/ 8:10.	Diálogo entre Jonas e Adam.
3ª Temporada	- Adam e Eva (E3); A origem (E4); Vida e morte (E5)	- 45:00; 13:50/ 29:30; 22:30/ 40:25.	Trajectoria de Marta buscando ajudar Jonas.
	- O paraíso (E8)	- 29:00/ 33:05/ 38:00/ 50:00.	Marta e Jonas salvando os mundos; Claudia desvendando a origem de tudo.

Fonte: Autoria própria.

A partir disso, fez-se uma análise de conteúdo. Bardin (1979) define a análise de conteúdo como sendo um:

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Assim, os pesquisadores buscam a compreensão para além das palavras e mensagens, alcançando uma interpretação aprofundada sobre o assunto.

Dentro desta perspectiva, Bardin (1979) apresenta maneiras de analisar os materiais. Para esse trabalho será utilizada a análise de conteúdo temática, onde “consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 1979, p. 105). O roteiro de análise seguiu o modelo aberto, iniciando a leitura a partir da série. Os fragmentos foram classificados mediante os objetivos geral e específicos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dark (2017; 2020) conta a história dos moradores da cidade de Winder, na Alemanha, com ênfase na história de Jonas Kahnwald. Ele é um jovem que passa por uma situação traumática já no início da série: seu pai, Michael Kahnwald, comete suicídio. Após voltar de uma internação psiquiátrica, ele tenta voltar à sua rotina e situações misteriosas começam a

acontecer. Uma delas é o desaparecimento do irmão mais novo de Marta, Mikkel. Eles são filhos de Ulrich Nielsen, que é amante da mãe de Jonas, Hannah. Os sucessivos desaparecimentos de crianças se repetem, assim como havia acontecido há 33 anos.

Mikkel Nielsen, na noite de seu desaparecimento, entrou em uma caverna de Winder e fez uma passagem para outro tempo, indo de 2019 para 1986. Lá, ele não consegue mais voltar e é adotado por Ines Kahnwald. Já em 2019, seu pai decide procurá-lo e acaba viajando para 1953, onde, igualmente, não consegue voltar. Nesse mesmo momento, Jonas conhece um homem estranho, que não é da cidade e diz ser amigo de Michael. O homem estranho acaba deixando pistas para que Jonas descubra a viagem temporal, mas como Jonas já estava intrigado com alguns mapas que seu pai deixou, decide investigar (DARK, 2017; 2020).

É a partir desse enredo que se inicia a primeira temporada, que conta a trajetória de Mikkel e Jonas descobrindo as viagens. Ao passar dos episódios, surge a presença de Noah, um padre que decide fazer amizade com Bartosz, até então melhor amigo de Jonas, onde deixa pistas e profetiza algumas situações para ele, contando inclusive sobre a existência da viagem no tempo. Também é apresentada a personagem Cláudia, a se torna dona de uma usina nuclear, sendo uma das primeiras a descobrir os segredos da cidade e sobre a viagem no tempo (DARK, 2017; 2020).

Para fechar a primeira temporada, duas revelações são feitas. A primeira revelação é que Mikkel fica preso em 1986, conhece Hannah, eles crescem, casam-se e tem um filho, que é Jonas. Logo, Michael Kahnwald na verdade é Mikkel Nielsen. Assim, Jonas é sobrinho de Martha, a quem está apaixonado. Como se não bastasse, a segunda revelação é que o homem estranho, na verdade, é o Jonas do futuro. Com isso, Jonas se vê entrelaçado em diversos conflitos: o luto pela morte do seu pai, a paixão pela própria tia, a descoberta sobre a viagem no tempo e conhecer o seu eu do futuro (DARK, 2017; 2020).

A história segue na segunda temporada, abordando com maior ênfase as viagens entre 2019, 1986 e 1953. Além dos jovens, os adultos acabam descobrindo a viagem no tempo. Neste contexto, a personagem Cláudia começa a viajar para tentar salvar a vida de sua filha, assim ela começa a observar como tudo funciona e como pode ser resolvido. Além dela, cada um dos personagens vai em busca das respostas para as próprias demandas a serem resolvidas, o que resulta em várias viagens simultâneas. Em uma dessas buscas resposta, Jonas acaba voltando no tempo e indo atrás de seu pai, ocasionando no suicídio do mesmo, assim, Jonas percebe que não é tão simples quebrar o ciclo que está acontecendo (DARK, 2017; 2020).

Em sua temporada final, a história aborda a existência de uma nova dimensão, um mundo onde a Martha seria a protagonista. Nesse mundo, Jonas não existe e, ao contrário do

que se imagina, a não existência dele não quebra o ciclo temporal. Também mostra a rivalidade entre outros personagens que surgem ao longo da história: Adam e Eva. Além da simbologia que os nomes carregam, essa rivalidade surge a partir da ideia de livre arbítrio de cada um, Adam acredita que só alcançará o livre arbítrio destruindo o mundo, já Eva acredita que o ciclo deve permanecer eternamente (DARK, 2017; 2020).

Assim se desenrola, todos em busca das melhores escolhas para suas histórias, baseadas na visão do livre arbítrio de cada um. A solução para resolver esse conflito temporal surge então de uma terceira possibilidade, a chance de descobrir a raiz do problema e conseguir resolver tudo, sem a necessidade de acabar com o planeta. Surge então a terceira dimensão, onde a passagem da caverna não foi criada ainda, que é a dimensão original. Claudia descobre que é nessa dimensão que é possível salvar o mundo, então Jonas e Martha se unem para salvar a dimensão original, impedindo que a passagem se forme. Essa decisão tomada leva a não existência de ambos, eles decidem, então, sacrificarem-se por aqueles que amam, mesmo que seu amor e suas vidas acabem. Um novo mundo surge, como uma nova possibilidade, novas vidas e a linha temporal restabelecida (DARK, 2017; 2020).

O enredo de Dark atravessa temas como: viagem no tempo, apresentando, por exemplo, o paradoxo de Bootstrap e o buraco de minhocas; mitologia como Teseu e Ariadne; religião com Adão e Eva; filosofia com Nietzsche e Schopenhauer (SILVA JÚNIOR, 2020). Entre todos esses temas, existe um ponto que os une: a relação entre os personagens. Essas relações são moldadas a partir das vivências em seu próprio tempo e nas próprias viagens no tempo.

Assim, como em Dark, o desenvolvimento moral de Piaget tem sua base pautada nas relações. Segundo Rosseto (2005, p. 62), “a moral diz respeito ao agir humano nas situações de interação com seus pares, por isso é também social. Em qualquer relação com outro sujeito é necessária a existência de regras e normas de conduta que orientem a relação, isto é, seu componente moral”. Para Piaget, é a partir da interação com o meio social que o desenvolvimento da moral se constitui (ROSSETO, 2005).

Pode-se observar que Piaget pesquisa o desenvolvimento da moral a partir da criança. Cumpre destacar, no entanto, que em *O Juízo moral da criança*, Piaget (1994, p. 22) deixa claro que “a moral infantil esclarece, de certo modo, a do adulto”. Sendo assim, o desenvolvimento da moral continua para além da infância. No caso da série Dark (2017; 2020), o personagem Jonas é um jovem adulto, saindo de sua infância e enfrentando o mundo adulto. Ao longo dessa construção, o desenvolvimento moral se faz presente assim como é explicado na teoria de Piaget, de forma gradativa. Porém, esse modelo não é um padrão, a

transição que ocorre entre as fases não é feita de forma brusca e nem linear, ela ocorre conforme a interação entre as relações interpessoais de cada um (ROSSETO, 2005).

Esse estudo de Piaget foi realizado em situação de jogo. Sua pesquisa foi conduzida sob o questionamento de: por que as regras são obedecidas? Segundo Rosseto (2005, p. 63), “ele buscou o princípio inerente e interno à ação moral, a que move o sujeito para determinadas situações de interação social; como as regras morais são validadas pelo sujeito”. O jogo é um cenário onde se observa a intenção e interação entre as pessoas. Por jogo, Piaget entende que:

Os jogos infantis constituem admiráveis instituições sociais. [...] O psicólogo obrigado por dever profissional a se familiarizar com esse direito consuetudinário e dele extrair a moral implícita, só pode avaliar a riqueza dessas regras à medida que procura dominar seus pormenores (PIAGET, 1994, p. 23).

Conforme cita Piaget, o jogo é uma situação que constitui relações sociais, que é através delas que surge a moral do sujeito. Então, a situação de jogo possibilita observar e analisar os detalhes das ações de cada jogador, desde seu comportamento motor, simbólico e frente a regras (BARANITA, 2012). Nessa perspectiva, na série *Dark*, pode-se relacionar o jogo com a viagem no tempo, pois é a partir das viagens que se pode ver as intenções e interações de cada personagem, entendendo como e porque as regras do jogo são validadas por esses sujeitos.

5. 1 ANOMIA

Referente à anomia, pode-se ver na sequência dos episódios *Mentiras* (T1:E2), *Vidas duplas* (T1:E4) e *Verdades* (T1:E5), o desenrolar da trajetória de Jonas. Após voltar de um sanatório, onde ficou internado para tratar seu estresse pós-traumático, por conta do suicídio de seu pai Michael, Jonas vai até o ateliê de seu pai buscar algo que explicasse porque o pai cometeu o suicídio. Lá, ele encontra um mapa de Winder com algumas frases sem nexos. Sem entender o que seria esse mapa e o que poderia encontrar, ele decide ir até o local que está mais marcado no mapa, a caverna. Chegando lá ele não encontra nada, pois não sabe nem o que está buscando.

Segundo Piaget (1994), na fase de anomia a criança não internaliza o jogo, ela apenas manipula os elementos do jogo sem o entendimento do mesmo e suas regras. Ele ainda cita que “a criança, como já vimos, joga bolinhas como bem entende, procurando simplesmente

satisfazer seus interesses motores ou sua fantasia simbólica” (PIAGET, 1994, p. 50). Assim como o personagem Jonas, que manuseia o mapa (um instrumento do jogo), sem saber do jogo em si (a viagem no tempo), tudo em busca de uma fantasia simbólica, que é a busca de provas que expliquem o motivo do suicídio do pai, sem o entendimento do que está buscando. O manuseio do mapa não foi voltado ao objetivo próprio de um mapa, mas um uso para estabelecer um ritual para satisfazer essa fantasia criada por ele.

Continuando a trajetória de Jonas, após sua tentativa de encontrar algo na caverna, ele recebe uma caixa com instrumentos e uma carta que seu pai deixou antes de se suicidar, contando sobre a viagem no tempo. Além disso, Jonas encontra o mapa marcando instruções para entrar na passagem da caverna, assim ele vai novamente até a caverna e viaja no tempo. Ainda que Jonas tenha recebido instruções de terceiros, sobre a viagem, essas instruções são apenas motoras, de como chegar lá e não sobre o que é aquilo, então ele ainda não entende o que é jogo e suas regras, assim como a criança que que é constantemente exposta às imposições externas. Piaget cita que:

Portanto, a criança está mergulhada desde os primeiros meses numa atmosfera de regras, e torna-se, desde então, extremamente difícil discernir o que vem dela própria, nos rituais que respeita, e o que resulta da pressão das coisas ou da imposição do círculo social. No conteúdo de cada ritual, certamente, é possível saber o que foi inventado pela criança, descoberto na natureza ou imposto pelo adulto. Nas na consciência da regra, enquanto estrutura formal, essas diferenciações são inexistentes do ponto de vista do próprio indivíduo (PIAGET, 1994, p. 51).

Piaget (1994) ainda diz que, sem ter visto o jogo sendo movimentado por outra pessoa, a criança está mantendo um ritual individual, onde ela cria a própria conduta e as ações externas não se implicam como uma regra obrigatória. Assim, é possível identificar a anomia nesta ação de Jonas. Cabe aqui ressaltar que, assim como Piaget (1994) cita, a fase de anomia é rapidamente superada, e na série esse aspecto também é perceptível pelo pouco material que contém traços dessa fase.

5.2 HETERONOMIA

Referente à heteronomia, pode-se perceber no episódio *Ponto Crítico* (T1:E7). O homem estranho encontra Jonas no passado, onde Mikkel está e se tornará Michael, ele explica para Jonas que Mikkel se tornará seu pai e Marta é sua tia. Jonas fica confuso, mas entende que se retornar com Mikkel estará resolvido, então o homem estranho acaba coagindo Jonas:

Não entende? Se levar Mikkel de volta, alterará a linha do tempo. Seu pai nunca conhecerá sua mãe, não se apaixonarão ou se casarão. E você não nascerá. Se o levar de volta agora, apagará sua própria existência. Seu papel aqui é muito maior do que imagina. Mas cada decisão a favor de algo é contra outra coisa. Uma vida por outra vida. O que decidirá? (DARK, 2017; 2020).

Após este diálogo, Jonas desiste de levar Mikkel de volta. Aqui é possível observar uma fala de coação, onde, segundo Taille (1992), a criança segue determinada regra acreditando que ela seja melhor, mesmo que essa escolha seja seguida pelo medo que sente por aquele a quem lhe impôs a regra. O homem estranho coage Jonas, assim como o adulto coage a criança a seguir as regras do jogo, ainda mantendo o poder de decisão dele, mas agora, sendo regido pela coação que foi feita. Sobre essa relação, entre o adulto e a criança, Rosseto diz que:

Na verdade, há uma tendência ao predomínio de ações morais autônomas sobre as heterônomas, uma vez que estas últimas dificilmente se extinguem por completo. A relação de heteronomia faz um jogo com a autonomia no adulto, tal como uma disputa de espaço, onde a autonomia está constantemente tentando se sobrepor à presença heterônoma, esta advinda das regras externas, existentes em abundância nas relações sociais (ROSSETO, 2005, p. 78).

Essa disputa entre a heteronomia e a autonomia segue a trajetória de Jonas ao longo de toda a série, onde ele reage contra a autonomia desse sujeito adulto, que no caso é o homem estranho, e acaba cedendo à autonomia do outro, na maioria das situações.

Outro momento da série, no episódio *Tudo acontece agora* (T1:E9), Jonas encontra Marta após a coação do homem estranho, já sabendo que é sua tia. Ele nega estar gostando dela, dizendo que os dois não combinam e que estão errados, apesar de não conseguir disfarçar que a ama e que seu real desejo era ficar com ela. Esse conflito ocorre, pois, se relacionar amorosamente com um parente é algo que não é moralmente aceito pela sociedade, e sobre isso Rosseto (2005) fala que:

Em Jean Piaget a heteronomia é uma forma de regulação externa à qual a criança está sujeita, são regras prontas que se impõem à criança. Provém do mundo adulto, da subjugação de uma geração a outra pela força da educação familiar e da sociedade como um todo (ROSSETO, 2005, p. 77).

A criança começa a perceber o padrão de restrições impostas a elas a cada ação feita, entendendo que existem regras e normas de conduta dentro da sociedade, impostas pelos adultos ao seu redor (ROSSETO, 2005).

Já no episódio *Achados e perdidos* (T2:E5), Jonas descobre que Adam é ele mais velho. Adam diz que Jonas precisa voltar para impedir que Michael se mate, assim, tudo voltará ao normal e Marta ficará viva. Assim, Jonas parte e viaja no tempo para a data exata em que seu pai se suicida, para tentar impedi-lo. Seguir a regra imposta pelo adulto, parte da consideração que a criança tem por aquela regra imposta pelo adulto, assim, a criança passa “de um período de anomia (submissão aos seus próprios desejos) para a heteronomia (submissão à palavra adulta)” (ROSSETO, 2005, p. 65).

Ainda, sobre heteronomia pode-se ver, na sequência dos episódios *Adam e Eva* (T3:E3), *A origem* (T3:E4) e *Vida e morte* (T3:E5), a trajetória de Marta. Ela viaja para outro tempo com ajuda de Jonas, que foi instruído pela Marta do futuro. Ela conhece sua versão mais velha, que conta para ela sobre o que está acontecendo e o que ela precisa fazer dali em diante, diz que quer mudar tudo, mas o real desejo é manter um ciclo eterno. Assim, Jonas e Marta entram em conflito por caminhos diferentes a seguir dentro do mesmo lugar, um precisa tomar decisões para manter tudo como está e o outro deseja mudar tudo com risco de acabar com a sua existência (DARK, 2017; 2020).

Além da regra imposta pelo adulto, aqui, percebe-se a presença da regra sendo contestada pelos integrantes do jogo. Na heteronomia, as regras são sagradas e não modificáveis, o movimento de mudar as regras do jogo é considerado injusto. A heteronomia está diretamente ligada à satisfação do desejo pessoal, agindo em prol do próprio egocentrismo, quando existe coação a resposta pode ser a submissão ou revolta, o que causa uma série de conflitos entre os integrantes (ROSSETO, 2005). Para Piaget (2005):

Desde que a criança se põe a imitar as regras dos outros, e qualquer que seja, na prática, o egocentrismo de seu jogo, considera as regras do mesmo como sagradas e intocáveis: recusa-se a mudar as regras do jogo e entende que toda modificação, mesmo aceita pela opinião geral, constituiria uma falta (PIAGET, 1994, p. 53).

As regras adotadas são divergentes entre Jonas e Marta, isso mostra que, nesse ponto, há conflito, tornando inviável uma ação sem uma negociação, onde está propensa a regra original, que, no caso da série, é a ideia de Marta em continuar um ciclo sem fim. Além desse conflito, foi possível identificar a heteronomia em Dark na coação feita e nas regras impostas pelo homem estranho, em relação a Jonas.

5.3 AUTONOMIA

Referente à autonomia, pode-se acompanhar, no episódio final *O paraíso* (T3:E8), Marta e Jonas se encontrando novamente, agora com um novo propósito. Jonas descobre a história que deu origem a toda viagem no tempo, o joalheiro, Tannhaus, perdeu seu filho, a nora e seu neto em um acidente de carro. Ele resolve criar uma máquina do tempo para que possa impedir o acidente de seu filho. Com isso, a máquina cria a passagem da caverna e 2 mundos paralelos, além do seu original. Jonas encontra Marta para viajarem até o dia do acidente, para salvar a vida do filho de Tannhaus. Jonas diz para Marta: “Temos que o pegar antes de morrer. Você e eu, somos o motivo de tudo acontecer assim” (NETFLIX, 2017; 2020).

Aqui, é possível observar um ponto referente à autonomia surgindo, a responsabilidade que Jonas deposita em si mesmo e em Marta, em relação aos fatores que levaram esse ciclo temporal a se iniciar. Para Rosseto (2005), a responsabilidade é subjetiva, leva em consideração não só o contexto, mas também a intenção de uma ação. Segundo Lima (2004), é a partir dessa responsabilidade que surge a noção de justiça distributiva, essa tem como objetivo a reposição da perda ocorrida, uma reparação. Aqui, Jonas se responsabiliza e busca reparação, tentando salvar o filho de Tannhaus, frente a isso, observa-se a instauração dessa justiça, que segundo Rosseto (2005, p. 68), “a justiça distributiva implica autonomia e libertação em relação à autoridade adulta”.

Ainda no mesmo diálogo, Jonas segue dizendo: “De novo e de novo porque você não consegue desistir do que quer e eu não consigo desistir do que quero. Mas nós somos o erro, o erro na matrix” (NETFLIX, 2017; 2020). Ele refere-se ao ciclo que se mantém por conta da divergência entre eles, que até então ocorria. Rosseto pontua que:

[...] é na busca de convergência a partir de divergências iniciais que está a essência do respeito entre indivíduos que interagem, pela afirmação de autonomias que primam pela conservação dos acordos, com coerência em relação às afirmações ditas em momento anterior, numa troca de pontos de vista (ROSSETO, 2005, p. 93).

É na troca e no respeito mútuo que se dá a cooperação, onde surge uma vontade individual de agir, sem precisar receber algo para si mesmo (ROSSETO, 2005). Seguindo a conversa, Marta questiona Jonas sobre seu desejo de que seus mundos e eles próprios não existam em prol do mundo original, Jonas apenas caminha para a passagem na caverna e Marta o acompanha.

Essa cena representa uma ação feita através dessa cooperação, onde Rosseto (2005, p. 68) cita que “a autonomia pretendida e resultante desse processo de interação social, feita pela

cooperação, é a que predispõe o sujeito a agir de forma original a partir de uma convicção e liberdade interior”. A cooperação se estabelece baseada na relação de cumplicidade que as pessoas criam entre si, levando essa relação a uma busca de um consenso, onde a satisfação do outro gera conformidade (ROSSETO, 2005).

Ainda no episódio *O paraíso* (T3:E8), em suas cenas finais, Jonas e Marta encontram o filho de Tannahus e fazem com que ele volte com sua família para a casa de seu pai, evitando, assim, o acidente. Mesmo sabendo que essa atitude levaria as suas existências ao fim, assim como de fato aconteceu, Jonas e Marta se sacrificam por um bem maior, salvar todo um mundo e restaurar a ordem cronológica do tempo (DARK, 2017; 2020).

Rosseto (2005, p. 76) diz que na autonomia “o jovem é capaz de coordenar diferentes situações para uma operação, podendo lidar com variantes e incógnitas, também é capaz de cooperar com outros sujeitos na realização de ações em conjunto”. Assim como fizeram Marta e Jonas que, mesmo sem ter certeza do resultado de suas ações, conseguiram lidar com suas inseguranças e agiram conforme a probabilidade apontava para o sucesso da situação.

Tanto Marta quanto Jonas alcançaram a autonomia neste momento da história, com suas ações de cooperação, ações recíprocas elaboradas de forma individual em prol de uma conquista, também, pessoal, mas que o ganho é coletivo. E ainda, com a reciprocidade entre eles, foi possível a elaboração de novas regras, eliminando aquelas que comprometeriam essa reciprocidade, como voltar para o ciclo (PIAGET, 1994).

5.4 AFETIVIDADE

Na ação moral se confrontam a afetividade e a razão. Esse confronto se dá pelo dualismo: de um lado a ação regida pelo afeto, pela paixão; de outro está a ação regida pela razão, pela análise do certo e errado (TAILLE, 1992). Esse confronto está bem caracterizado no conflito entre Adam e Eva. Adam traz aspectos racionais, onde seu plano de quebrar o ciclo de viagens temporais seria destruir a massa escura que possibilita a viagem e, assim, acabar com o mundo. Eva, por sua vez, mostra os aspectos afetivos, onde seu plano é manter o ciclo de viagens no tempo, assim como sempre foi, para conservar a relação amorosa entre Marta e Jonas.

Todavia, esse dualismo pode ser entendido de forma complementar, onde “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a Razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações” (TAILLE, 1992?). E, segundo Taille (1992), a razão que pondera o que é certo ou errado e o que é justo ou

injusto, assim, direcionando a ação. Esse dualismo complementar se caracteriza pela personagem Claudia, pois suas ações são movidas pela afetividade, que influencia na concretude das ações, que só consegue se constituir pela razão.

Claudia, assim como outros personagens, vive em busca de alternativas para que sua família sobreviva e todos fiquem bem, esse afeto é combustível para que ela busque soluções através do pensamento racional de buscar o conhecimento por completo, ouvindo todas as partes e buscando pistas sobre a origem do conflito temporal, como é visto ao longo da série. Em *O paraíso* (T3:E8), apenas ela consegue desvendar qual foi a origem de todo o conflito temporal e através de sua moral autônoma, sua ação frente a isso é uma ação cooperativa, passando a mensagem a todos, e a partir dessa informação Jonas consegue encontrar a solução para todos. Assim, é possível identificar a afetividade da teoria de Piaget expressa na trajetória de Claudia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de autonomia vem sendo cada vez mais destacado na sociedade, em diversas áreas, inclusive na psicologia, em campos como no mercado de trabalho, escolha profissional e até mesmo nas clínicas. Essa temática foi estudada por diversos pensadores na filosofia, sociologia e psicologia, como Kant, Descartes, Nietzsche, Wallon, Freud e Durkheim.

Com isso, o objetivo deste artigo foi compreender como a autonomia é representada na série *Dark*, a partir do desenvolvimento moral de Piaget. Para alcançar esse objetivo, foi necessário identificar diálogos e relações dos personagens de *Dark* que representam a fase de anomia, heteronomia e autonomia do desenvolvimento da moral e identificar, nas relações entre os personagens, a afetividade do desenvolvimento da moral. Então, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando livros e artigos referentes a Piaget e o desenvolvimento moral. Também, foram assistidos a todos os episódios da série *Dark*. Em primeiro momento, foram selecionadas as cenas e, em seguida, essas cenas foram reassistidas para melhor análise.

Com base na série *Dark* e no estudo teórico sobre o desenvolvimento da moral de Piaget, foi possível alcançar os objetivos pretendidos com este artigo. Ao longo da pesquisa, foi possível relacionar a série com a teoria, trazendo representações condizentes com o desenvolvimento da moral autônoma, com destaque principal na trajetória dos personagens Jonas, Claudia e Marta, onde foi possível observar as fases desse desenvolvimento.

Nesta perspectiva, pode-se compreender que o desenvolvimento da moral está presente em todos os espaços que possuem relações interpessoais e escolhas, pois é a partir dessa interação que a pessoa se projeta a uma das fases. Ainda é possível observar na série *Dark*, assim como é descrita na teoria Piagetiana, que a fase de anomia é rapidamente superada, pois é uma fase ligada ao início da vida da criança, sendo estritamente motora, enquanto a heteronomia tem destaque por ser uma fase longa e, mesmo que a pessoa alcance a autonomia, ainda pode transitar na heteronomia. A heteronomia é uma fase necessária para que a autonomia seja aprendida e exercida.

Dentre os desafios à produção desta pesquisa, destacam-se o pouco uso de filmes e séries para fins didáticos. Dito de outra forma, o assistir a séries é mais um recurso para o lazer do que para a aprendizagem de conceitos da Psicologia. Quando em busca de material da Psicologia que analisasse a série *Dark*, não foi encontrado nenhum artigo científico, ao passo que encontrou-se estudos no campo da filosofia. Outro desafio diz respeito às publicações, mais especificamente, artigos científicos, sobre desenvolvimento moral. Este artigo pautou-se sobre o livro de Piaget *O Juízo Moral da criança*, de 1994, e artigos de pesquisadores pós-piagetianos.

Portanto, sugere-se a continuidade de pesquisas sobre desenvolvimento moral, bem como uma maior presença da arte, mais especificamente, da análise de filmes e séries, ao longo da formação em Psicologia. Em relação a pesquisas voltadas para as artes, a Psicologia é um campo que abrange diversas áreas e abordagens teóricas, mas que ainda tem poucas produções com esse vínculo artístico. Por exemplo, a série *Dark* poderia ser trabalhada, também, sob um olhar psicanalítico ou sistêmico. A arte é um recurso extremamente rico, possibilitando o esclarecimento de conceitos e a criação de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Allyson Pereira de; ARRUDA JÚNIOR, Gerson F. de. Reflexões sobre a obra “o livre-arbítrio” de Santo Agostinho: Uma proposta de Esboço. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, v. 1, n. 1, jan./jun. 2018. Disponível em: unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1234. Acesso em: 14 nov. 2020.

ANDRADE, Larissa Liss Cardoso de. **Práticas para o desenvolvimento da autonomia moral**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/150643>. Acesso em: 02 nov. 2020

ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche como crítico da moral. **Revista de filosofia Dissertatio**. Pelotas, 2008, p. 33-51. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8846>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BARANITA, Isabel Maria da Costa. **A importância do jogo no desenvolvimento da criança**. [Lisboa, 2012]. Disponível em: [http://www.saosebastiao.sp.gov.br/ef/pages/Corpo/Habilidades/leituras/a1.pdf\(baranita\)](http://www.saosebastiao.sp.gov.br/ef/pages/Corpo/Habilidades/leituras/a1.pdf(baranita)). Acesso em: 10 jun. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1979.

CASTANHO, Maria Eugenia Montes. Função educacional da arte. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 2, p.85-98, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/776/791>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CHRISTINO, Raquel Rosan. Piaget e Kant: Uma comparação do conceito de autonomia. **Nuances, estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 3, n. 3, set. de 1997. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/60>. Acesso em: 02 nov. 2020.

DARK. 3 Temporadas. Direção: Baran bo Odar. Alemanha: Netflix, 2017-2020. Streaming, cor. 26 episódios. Acesso restrito via Netflix.

FARIA, Daniel Luporini de. Livre-arbítrio, moral e razão em Descartes. **Revista Contemplação**, Passo Fundo, n. 18, p. 146-162, 2019. Disponível em: <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/190>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FERRACIOLI, Laércio. Aspectos da construção do conhecimento e da aprendizagem na obra de Piaget. **Caderno Brasileira de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 16, n. 2, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6808>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FINI, Lucila Diehl Tolaine. Desenvolvimento moral: de Piaget a Kohlberg. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 9, n. 16, p. 58-78, jan/dez. 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9127>. Acesso em: 29 nov. 2020.

FLICKINGER, Hans-Georg. Autonomia e reconhecimento: dois conceitos-chave na formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 7-12, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8663/6122>. Acesso em: 14 nov. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017. *E-book*. Acesso via Minha Biblioteca.

JUNG, Luã. Autonomia e Eudaimonia: uma reaproximação entre as teorias morais de Kant e Aristóteles. In: SEMANA ACADÊMICA DO PPG EM FILOSOFIA DA PUCRS, 16., 2016, Porto Alegre. **Anais eletrônicos [...]** Porto Alegre: PUCRS, v. 4, p. 264-283, 2016. Disponível em: https://3c290742-53df-4d6f-b12f-6b135a606bc7.filesusr.com/ugd/48d206_fdb362cfbcc6436690518a6e530c9bf7.pdf. Acesso em: 04 nov. 2020.

LEAL, Erotildes Maria *et al.* Além da compulsão e da escolha: autonomia, temporalidade e recuperação pessoal. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.

22, n. 1, p. 130-149, mar. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v22n1p130.8>. Acesso em: 4 nov. 2020.

LIMA, Vanessa Aparecida Alves de. De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia um caminho para o estudo das virtudes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 12-23, set. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 nov. 2020.

MARTINS, Angela Maria. Autonomia e educação: A trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 207-232, mar. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a09n115>. Acesso em: 14 out. 2020.

MOREIRA, Roseli Kietzer. Conceitos sobre a educação estética: contribuições de Schiller e Piaget. **Linguagens: Revista de Letras, artes e comunicação**, Blumenau, v. 1, n. 2, p. 158 - 169, mai./ago. 2007. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/687/603>. Acesso em: 10 jun. 2021.

NASTASI, Sérgio Lima dos Santos. Dark e a Iminência do Fracasso: Uma nova geração No Future?. **Revista Páginas de Filosofia**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 135-147, jan/jun. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/view/10714>. Acesso em: 4 set. 2020.

PEREIRA, Adriana Soares *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2018. *E-book*. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/ Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf. Acesso em: 28 out. 2020.

PIASSI, P. L.; PIETROCOLA, M. Ficção científica e ensino de ciências: para além do método de “encontrar erros em filmes”. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 525-540, set./dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022009000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 12 out. 2020.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

PRESTES, Bruno Rafael Ferreira; SCHILLER, Soter. O problema do livre-arbítrio na filosofia de Schopenhauer. **Helleniká – Revista Cultural**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 45-62, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/hellenika/article/view/198/113>. Acesso em: 23 out. 2020.

PRZENYCZKA, Ramone Aparecida *et al.* O paradoxo da liberdade e da autonomia nas ações do enfermeiro. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 427-431, jun. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000200022&lng=en. Acesso em: 23 out. 2020.

RAMOS, Cesar Augusto. Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo. **Kriterion: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 55, n. 129, p. 61-77, jun./2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000100004. Acesso em: 04 nov. 2020.

RODRIGUES, Filipe. Crítica. **“Dark” se consolida como uma das maiores séries da Netflix**. In: Tenho mais discos que amigos. [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.tenho maisdiscosqueamigos.com/2020/06/29/resenha-dark-netflix/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ROSSETTO, Maria Célia. **A construção da autonomia na sala de aula: na perspectiva do professor**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7520/000546740.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 nov. 2020.

ROTTEN TOMATOES. **Dark**. [s.l.], 2021. Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/tv/dark>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SÁ, Luiza Vieira; OLIVEIRA, Reinaldo Ayer de. Autonomia: uma abordagem interdisciplinar. **Saúde, Ética e Justiça**, São Paulo, v. 12, n. 1-2, p. 5-14, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/44280>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SEGRE, Marco *et al.* O contexto histórico, semântico e filosófico do princípio de autonomia. **Bioética**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 15-23, 1998. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000986454>. Acesso em: 07 nov. 2020.

SILVA JÚNIOR; Stamberg José da. A experiência logopática dos conceitos na complexidade narrativa da série Dark. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 46908-46916, jul. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/13215>. Acesso em: 4 set. 2020.

SILVA JÚNIOR; S. J. da; BONSANTO, A. O “círculo infinito” do eterno retorno: reflexões sobre o mítico e o trágico na série Dark. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v.9, n. 1, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3610>. Acesso em: 4 set. 2020.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília-DF, v. 27, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/byCS7FDbNwLSZZNRmBSvdJD/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2021.

STEFANI, Jaqueline; MOLON, Marcel André. A responsabilidade moral em Aristóteles. **Controvérsia**, São Leopoldo, v. 10, n. 01, p. 20-34, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/9878>. Acesso em: 04 nov. 2020.

TAILLE, Yves de La et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 1992. Disponível em: <https://petpedufba.files.wordpress.com/2016/02/piaget-vygotsky-wallon-teorias-psicogeneticas-em-discussao-1.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

VASCONCELOS, José Geraldo *et al.* Educação e liberdade em Rousseau. **Revista Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 8, p. 210-223, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/278>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ZUBEN, Marcos de Camargo Von; MEDEIROS, Rodolfo Rodrigues. Nietzsche e a educação: autonomia, cultura e transformação. **Trilhas Filosóficas: Revista Acadêmica de Filosofia**,

Caicó, n. 1, p. 71-93, fev./abr. 2013. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/view/1000>. Acesso em: 14 nov. 2020.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a mim mesma, por acreditar em mim, apesar de poucos motivos. Agradecer por minha dedicação, força, determinação, resiliência e superação. Agradeço, ainda, por ter seguido em frente, mesmo com mil motivos pra desistir. Sabe aquela vontade de jogar tudo pro ar? Tive várias vezes, mas, pela primeira vez, consegui chegar nos 100% de algo (apesar de ser só o começo). Espero que este texto me acompanhe em um próximo TCC, mestrado, doutorado e pesquisas em geral. Meu sonho está só começando! Não foi e não está sendo fácil, mas, no final, tudo vai ficar bem e vai dar certo!

Cheguei aqui por mim, mas por todos que ajudaram nesta caminhada, na universidade: minha grande amiga Carol, que mesmo exausta, me ajudava a levantar, me auxiliou de diversas formas que eu nem consigo citar. É alguém que vou levar para vida, uma mulher maravilhosa, que é dona deste mundo; minha amiga Vitória, uma menina que eu queria ser amiga e do nada estávamos lá, uma parceria que até em sonho me acompanha, com uma jornada acadêmica que, quando eu crescer, quero fazer igual, uma inspiração; minha amiga Aliny, perdida no semestre assim como eu, começamos como dupla em vários trabalhos e já estava fazendo parte da minha jornada, uma profissional e pessoa inteligente e maravilhosa!

À minha família: agradeço minha mãe por sempre acreditar em mim, apesar de pegar no meu pé, e agradeço meu pai por viabilizar, apesar de não acreditar no começo e no meio, mas acredito que no fim começou a pensar que podia dar certo. Agradeço, também, meu namorado. Talvez, um dia, tu não me atures mais e eu pense: por que eu fiz esta dedicatória? Mas já adianto e respondo aqui para meu eu de uma realidade paralela, eu fiz esta dedicatória porque, independente do que aconteça, tu foste muito importante nesta jornada, foram 4 anos e meio aturando meus surtos e, principalmente nesta reta final, a cada 2 horas, eu falando: *eu preciso fazer o TCC* (e, no fim, não fazia). Agradeço pela paciência, pelo apoio, mesmo não entendendo metade do que eu falei, que nem Dark tu entendeste, quem dirá esse TCC inteiro. Enfim, obrigado por tudo!

Dedico este artigo a todos vocês, a todos os outros vários amigos que tenho e que me acompanharam nesta trajetória desde antes da psicologia. Faço, aqui, uma menção honrosa ao meu amigo aquariano que nos deixou, acredito que ele estaria prestigiando este trabalho e

comemorando a formatura comigo. A dor é latente, mas eu gosto de acreditar que existe um motivo para a chegada e partida de cada um. Foi uma honra te conhecer e te ter como amigo.

Enfim, finalizando, agradeço minha orientadora que ficou de cabelos brancos, nunca deve ter sofrido tanto na vida, merecia um aumento só por ter sido minha orientadora! Agradeço pelo apoio, pelas palavras de carinho e motivação, sem elas, e sem a tua paciência, eu não teria conseguido. Muito obrigada por me inspirar e incentivar! E, por fim, agradeço ao universo, aos Deuses, todos que existem, aos extraterrestres, que me deram força nestes últimos momentos de TCC, porque eu realmente não sei de onde veio essa energia pra finalizar. Muito obrigada, e nos vemos em uma próxima produção!